

Abbas Momeni/AFP



PALESTINA PREMIÊ PEDE DEMISSÃO APÓS DIVERGÊNCIAS

Nomeado para o cargo há menos de três semanas, o primeiro-ministro da Palestina, Rami Hamdallah (foto), pediu demissão ontem em razão de divergências com seus dois vice-primeiros-ministros. O presidente Mahmud Abbas não indicou se aceitará a demissão de Hamdallah, um respeitado acadêmico pouco conhecido no exterior. O premiê demissionário, segundo fontes da Autoridade Palestina, estaria frustrado por ter que dividir seus poderes com os dois vices impostos por Abbas. Hamdallah foi nomeado em 2 de junho para suceder Salam Fayyad, que também havia pedido demissão. Logo assumiu as funções, quatro dias depois, entrou em rota de colisão com os vices, o deputado Ziad Abu Amr e Mohammad Mustafa, presidente do Fundo de Investimento da Palestina (FIP) e conselheiro econômico do presidente.

ARGENTINA CRISTINA REAGE COM IRONIA À SUPREMA CORTE

A presidente da Argentina, Cristina Kirchner, não escondeu sua irritação ontem ao falar sobre a decisão da Suprema Corte do país que declarou inconstitucional a parte da reforma do Judiciário que previa eleições diretas para o Conselho da Magistratura. "Em 2015 quero ser juíza, para que presidente?", ironizou Cristina ao ser perguntada sobre a possibilidade de disputar mais uma reeleição. Na noite de quarta-feira, ela já havia se referido indiretamente à decisão. "Nos provocaram alguma dor, mas vamos nos curar, porque temos muitos remédios, muitos farmacêuticos e muitos antibióticos... mais cedo do que tarde os argentinos poderão votar para todos os órgãos políticos da República Argentina", afirmou. A reforma aumenta de 13 para 19 o número de integrantes do Conselho da Magistratura, responsável por julgar a atuação dos juízes, e prevê que os novos membros devem ser eleitos por voto popular.

COLÔMBIA EM 40 ANOS, 39 MIL PESSOAS SEQUESTRADAS

Estudo publicado ontem pelo Centro de Memória Histórica, de Bogotá, destaca que aproximadamente 40 mil pessoas foram sequestradas na Colômbia nas últimas três décadas. O relatório foi elaborado com informações fornecidas pela polícia e pelo Ministério Público, além de testemunhos de organizações não governamentais. Foram sequestradas 39.058 pessoas entre 1970 e 2010, de acordo com o levantamento conduzido pelo Instituto Cifras e Conceitos e financiado pela União Europeia. A pesquisa mostra que 80% das vítimas são homens com idades entre 18 e 65 anos, moradores das zonas rurais e cujas capturas tiveram motivação econômica. Os casos de estrangeiros representam 3% do total. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que, em 2012, renunciaram formalmente ao sequestro por extorsão econômica para iniciar um processo de paz com o governo, são responsáveis por 37% dos casos.

IGREJA CATÓLICA

Os 100 dias de Francisco

Simplicidade, compromisso com os pobres e aceno com reforma da Cúria Romana marcam pontificado do argentino

» RODRIGO CRAVEIRO

Ele ofereceu pão e café a um guarda suíço que vigiava a entrada de seus aposentos na austera residência Santa Marta. Pegou carona em um ônibus dos cardeais, horas depois do conclave que o elegeu. Convidou uma criança com síndrome de Down a subir no papamóvel. Admitiu a existência de um lobby gay dentro do Vaticano. Condenou e prometeu combater os anseios de crescimento hierárquico entre os membros da Igreja Católica. Posou para fotos com o líder copta ortodoxo Tawadros II. Depois de se apossar do solidão branco e do Anel do Pescador, o jesuíta Jorge Mario Bergoglio se manteve fiel ao seu estilo. O argentino de 76 anos completou ontem 100 dias de um pontificado marcado pela simplicidade e pela preocupação com os pobres. Além de recuperar o carisma do líder católico, o papa Francisco deu novo rosto à Igreja e pôs em marcha uma espécie de revolução pacífica, que deve incluir a reforma da Cúria Romana.

"O papa Francisco conferiu uma imagem atraente ao catolicismo, com sua simplicidade, sua espontaneidade e seu comprometimento com os pobres", afirmou ao Correio o padre jesuíta americano Thomas J. Reese, autor de *O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica*. Ele admitiu ter ficado "agradavelmente surpreso" com a ação e as palavras do pontífice. "Francisco enfatiza a mensagem do Evangelho, que não vê distinção entre a espiritualidade e a preocupação com os pobres", explicou. "Por meio da condenação do clericalismo e do clericalismo, o papa está redefinindo o que é ser líder na Igreja", acrescentou Reese.

Um dos desafios de Francisco será o de transformar a Cúria Romana, solapada por denúncias de corrupção no Banco do Vaticano, escândalos sexuais e disputas pelo poder. "O papa poderá reformar parcialmente o Vaticano, trazendo as melhores práticas em negócios e em gestão, para lidar com as finanças e com os recursos humanos. Mas mudar a Cúria exige repensar seus propósitos", defendeu Reese. De acordo com o padre, a instituição funciona como "um tribunal do século 17, que ajuda o rei a comandar uma nação". "Seu trabalho não é o de governar, mas ajudar o pontífice e o colégio de bispos."

Para o monsenhor Charles Hilken, professor de história medieval do Instituto Bispo John S. Cummins para o Pensamento, a Cultura e a Ação Católica (Califórnia), os 100 dias do pontificado foram propícios à reforma. "Ainda que Francisco tenha tomado poucas decisões, ele estabeleceu no-

Taziana Fabi/AFP



Francisco convida criança com a síndrome de Down a subir no papamóvel, durante audiência-geral semanal na Praça de São Pedro, no Vaticano

Monsenhor Antonio Luiz Catelan/Facebook



Carona no ônibus dos cardeais, um dia depois da eleição no conclave

Andreas Solaro/Reuters - 10/5/13



Pontífice recebe o líder copta ortodoxo Tawadros II: diálogo inter-religioso

Caminho firme

Arquivo pessoal



"Os primeiros 100 dias do pontificado de Francisco assinalaram o próximo grande passo rumo à implementação da visão do Concílio Vaticano II e de seus documentos. Ele pôs a Igreja no firme caminho de uma renovação apostólica e de encontro ao mundo."

» Monsenhor Charles Hilken, professor de história medieval e diretor do Instituto Bispo John S. Cummins para o Pensamento, a Cultura e a Ação Católica (Califórnia)

vos tom e visão para a Igreja, que reformou a liderança nas dioceses ao redor do mundo. Os líderes locais (bispos) já se comprometem mais com os fiéis", explicou ao Correio. Hilken destaca que Bergoglio não demorou para convocar uma comissão de revisão da estrutura da Cúria Romana. "A reforma é bastante plausível. O papa Paulo XVI fez grandes revisões, assim como João Paulo II. É uma maneira pela qual o pontífice pode deixar sua marca."

Ex-aluno do papa emérito Bento XVI, o reverendo Joseph Fessio lembrou que a Cúria Romana não é monolítica. Segundo ele, o Banco do Vaticano precisa de transparência, e Francisco estaria trabalhando nesse sentido. "A Congregação para os Bispos tem feito um trabalho superlativo, ao propor candidatos notáveis ao epis-

copado. No meio da Cúria, existe gente trabalhadora e dedicada, mas todos são pecadores", disse à reportagem. O padre e teólogo italiano Ariel Levi di Gualdo considerou a reforma urgente. "É necessário demitir muitas pessoas que vivem na Cúria há três pontificados, o que causou graves consequências à Igreja", defende.

Em 6 de junho, o papa confirmou um lobby gay no Vaticano. "É verdade, ele existe... É preciso ver o que podemos fazer", afirmou Francisco. Autor de *E Satana si fece trino* (E Satanás se fez trino), Ariel se mostrou feliz pelo pontífice ter reconhecido o problema. "Bento XVI falava há anos da 'sujeira na Igreja'. Devemos esperar uma ação precisa para a proteção da Santa Sé desse lobby forte e perigoso. Quando se conhece o mal, deve-se derrotá-lo."

Simpatia

Arquivo pessoal



"Até o momento, vejo um papa que ganhou a simpatia do povo. No pontificado de Bento XVI, a imprensa citava os piores males da Igreja. Subitamente, após o conclave de março passado, parece que houve o início de uma doce lua de mel com o Vaticano. Todos os grandes problemas 'desapareceram'."

» Ariel Levi di Gualdo, padre e teólogo italiano, autor de *E Satana si fece trino*, pela tradução literal

ARMAS NUCLEARES

França rejeita proposta de desarmamento

» GABRIELA FREIRE VALENTE

Um dia após o presidente americano, Barack Obama, ter proposto uma redução de um terço nos arsenais nucleares, o governo francês declarou que não está disposto a se desfazer das suas armas atômicas. O ministro da Defesa, Jean-Yves Le Drian, alegou que seu país já fez diminuições e detém menos de 300 ogivas — número muito inferior ao total de 8,5 mil e 7,7 mil que Rússia e Estados Unidos detêm, respectivamente, segundo a Federação Americana de Cientistas. No sentido oposto ao da ideia defendida por Obama, Le Drian apontou como "a verdadeira questão" a proliferação das armas nucleares para outros países. "O problema é o risco futuro de o Irã obter uma arma nuclear", advertiu.

"Obama está propondo à Rússia que, juntos, eles reduzam. Isso é bom, mas não é assim que vemos as coisas", disse Le Drian à rádio France Info. Na avaliação de Henri Ozi Cukier, professor de relações internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), o tamanho do arsenal francês torna a discussão sobre sua diminuição algo secundário: "Para que haja uma redução mundial, a iniciativa tem que partir de EUA e Rússia". No entanto, o analista afirma que a declaração do governo de Paris pode enfraquecer os argumentos contra países que desejem se armar — a exemplo da suspeita nutrida pelas potências ocidentais quanto ao Irã. Cukier explica que parte da estratégia de Obama é mostrar que mesmo quem já possui armas atômicas deseja se des-

Jewel Samad/AFP



Obama com o colega russo Vladimir Putin: debate entre potências

fazer delas, e que outros países não necessitam desse tipo de armamento. "Mas o Irã pode dizer:

A França tem", pondera.

O pedido do presidente americano foi endereçado especial-

mente aos russos, mas o colega Vladimir Putin respondeu prontamente que não poderia "permitir uma alteração no equilíbrio do sistema de dissuasão estratégica". Ontem, o vice-ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Rybakov, informou que o país vai demorar para analisar a proposta de Obama. Para Cukier, além do jogo de dissuasão mútua, Moscou se preocupa com a defesa do vasto território russo contra ataques e invasões: "A realidade geopolítica os deixa muito vulneráveis e eles nunca vão abolir as armas nucleares por completo, pois são garantia do status de superpotência, da defesa".

Nos EUA, o secretário de Defesa, Chuck Hagel, endossou a redução do arsenal americano, com a manutenção de uma "dissuasão nuclear segura e eficaz".